

## Significados dos bisavós para crianças baianas

*Meanings of grandparents of Brazilian children from  
Bahia*

Elaine Pedreira Rabinovich  
Rosa Maria da Motta Azambuja  
Lúcia Vaz de Campos Moreira

**RESUMO:** Embora os avós venham sendo objeto de estudos já há algum tempo, face ao envelhecimento populacional, os bisavós começaram a surgir no horizonte das crianças. Este estudo exploratório é parte de um estudo maior em que se perguntou às crianças sobre sua definição dos membros da família, inclusive de bisavós. Uma conclusão geral é a de que alguns bisavós podem já estar no lugar tradicional de avô, como provedor ou cuidador.

**Palavras-chave:** Bisavô; Bisavó; Crianças; Relações intergeracionais.

**ABSTRACT:** *Grand-parents have been subject of studies for already some time, but as people are getting older, great-grand-parents become to emerge at children lives horizon. This exploratory study is part of a bigger one where children were asked about the meaning of their family members, including theirs great-grand-parents. One general conclusion is some great-grand-parents may already be in the traditional place of grand-parent, for instance, giving support and caring.*

**Keywords:** *Great-grand-father; Great-grand-mother; Children; Intergenerational relationships.*

## Introdução

O mundo está envelhecendo. De acordo com estudos efetuados, entre 2000 e 2050, a percentagem de pessoas com mais de 65 anos irá duplicar. Este envelhecimento se deve a vários fatores, dentre os quais a diminuição da taxa de natalidade, a melhoria das condições de vida, a melhor cobertura das necessidades sociais e de saúde, a diminuição das taxas de mortalidade, o aumento da esperança média de vida e o resultado do desenvolvimento das sociedades que superaram as adversidades e os percalços da natureza (Martins, 2007; Flores, 2008).

Dados demográficos apontam que o crescimento do número de idosos no Brasil é de cerca de 20.622,19, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). A esperança de vida tem aumentado o que, aliado à queda dos índices de natalidade, tem provocado o envelhecimento das sociedades. Em termos demográficos, este fato tem implicações importantes na tessitura da família e nos papéis dos seus membros.

A Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), autarquia da Secretaria do Planejamento (SEPLAN), divulgou, no dia 6 de outubro de 2013, o estudo “Projeções Demográficas para a Bahia 2010-2030”, elaborado pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais (CEDEPLAR), órgão especializado em projeções demográficas e analisado pela Coordenação de Pesquisas Sociopopulacionais da SEI. A pesquisa aponta, entre outras questões, o aumento da expectativa de vida dos homens, de 71 anos (entre 2005-2010) para 76 (entre 2025-2039), e das mulheres, de 77 (entre 2005-2010) para 81 (entre 2025-2039). Além disto, o estudo também indica a redução do incremento populacional entre 2010 e 2030, o que refletirá em uma diminuição do ritmo do crescimento populacional na Bahia. Até 2030, as projeções apontam que o envelhecimento populacional contribuirá para a tendência de declínio do crescimento da população (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2013).

Segundo a pesquisa, décadas atrás, o crescimento natural da população brasileira era bastante elevado e relativamente constante e a Bahia não era exceção. Na Bahia, por exemplo, as alterações no perfil demográfico, como a redução da mortalidade e a maior expectativa de vida, ocorreram de forma bastante acentuada a partir da década de 80. Em anos mais recentes, o acelerado declínio da fecundidade, o avanço na queda da mortalidade e as mudanças na

distribuição espacial da população alteraram a dinâmica populacional e reforçaram a necessidade de projeções demográficas para os municípios e suas localidades.

Ainda em relação ao envelhecimento e longevidade, o estudo aponta que o declínio da fecundidade influenciará bastante no perfil da população baiana nos próximos anos, isto porque diminuirá a influência da população dos grupos etários mais jovens (menos de 15 anos) na estrutura etária e aumentará o peso relativo da população idosa (mais de 65 anos). No entanto, é a população das idades intermediárias que permanecerá com o maior peso relativo na estrutura etária e este peso será incrementado durante o período. De acordo com a pesquisa, em 2010, o grupo acima de 60 anos de idade era composto por cerca de 1,4 milhões ou 10,3% do total da população. Já em 2030, estes valores serão, respectivamente, 16,7% e 40,7%, refletindo a redução na base da pirâmide e o alargamento no topo da pirâmide etária.

O diretor-geral da SEI comenta os resultados da pesquisa:

O envelhecimento da população e o aumento da expectativa de vida dos homens e mulheres baianos demandará, segundo o estudo, uma forte demanda de serviços ao idoso o que pode mudar o foco das políticas de seguridade social, saúde e educação. Deste modo, iniciativas voltadas à população idosa (acima de 60 anos) serão cada vez mais importantes no âmbito das políticas públicas, enquanto ocorrerá menor pressão para as demandas relacionadas à infância e à adolescência.

Nesse sentido, há um aumento de número de gerações que convivem (Harper, 2006) com membros de famílias de três ou de quatro gerações, com principalmente as mulheres se tornando longevas.

As mulheres atuais, mais longevas, ao longo do curso da vida frequentemente viúvas, vão tecendo outra centralidade: trabalhadoras, emancipadas ou pensionistas, crescentemente tornando-se chefes de família, entre a maturidade e a velhice Mantendo as chefias ou com chefias reais até silenciosamente contestadas, quando bastante velhas (Motta, 2004, 54).

Nesse sentido, Harper assevera que os indivíduos envelhecem tendo na família mais ligações verticais do que horizontais e passam mais tempo a desempenhar papéis intergeracionais do que antes. “Por exemplo, em termos verticais, uma estrutura familiar de

quatro gerações tem três níveis de relações pais-filhos, dois conjuntos de ligações avós-netos e uma ligação bisavós-bisnetos” (Harper, 2006, 26).

Os dados de pesquisas realizadas nos Estados Unidos e Reino Unido, fornecidos pelos estudos de ligações intergeracionais da Associação de Reformados dos Estados Unidos (AARP) revelam que mais de metade dos entrevistados eram membros de famílias de quatro gerações; que três quartos dos adultos virão a ser avós, e há um estudo que preconiza que um quinto de todas as mulheres que ultrapassarem os 80 anos viverão algum tempo em uma família de cinco gerações, na qualidade de trisavós; e que quase um terço dos avós passarão pela experiência de serem bisavós, em famílias de quatro gerações. O quadro, no Reino Unido, é semelhante, com as estimativas indicando que um terço das pessoas virão a ser avós, papel que desempenharão em média durante 25 anos, com algumas previsões a sugerirem que possivelmente três quartos da população ascenderão à condição de avô/avó (Harper, 2006).

Esta transição geracional ocorre quando uma pessoa passa da condição de pai para a de avô/avó ou mesmo de bisavô/avó e determina tanto a sua própria identidade como os papéis e funções que lhe competem; por exemplo, a relação que o neto tem com os avós nos primeiros tempos vai determinar, parcialmente, o modo como ele assume o seu papel e como se relacionará mais tarde com os seus próprios netos.

Outro aspecto relevante é que as oportunidades de maior interação entre gerações têm aumentado devido ao crescente número de avós vivos (Sousa, 2006) e ao período de velhice saudável e, por isso, é mais provável que os avós construam com os netos uma relação que se prolongue. Por exemplo, o papel de avô/avó surge em média aos 50 e 60 anos de idade, o que possibilita que avós e netos possam esperar viver, em comum, duas a três décadas, sendo que a terceira década ocorrerá já com os netos adultos e com os bisnetos.

A autora chama a atenção de que este maior tempo de convivência pode ocorrer em um contexto de dependência ou independência dos avós; daí que não se pode desejar apenas que os avós cuidem dos netos: cada vez mais poderá se esperar que também os netos cuidem dos avós. “Assim, emerge uma relação de cuidados recíproca: os avós cuidam (ou ajudam a cuidar) dos netos enquanto estes são pequenos e os netos poderão cuidar dos avós quando estes chegarem a uma fase da vida de maior debilidade” (Harper, 2006, 40).

Nesse contexto de prolongamento da vida, verifica-se que a atual geração de netos é a primeira que pode esperar conhecer os quatro avós. Há poucas décadas, de esperança de vida mais reduzida, apenas alguns avós resistiam mais anos, por isto o mais natural seria os netos conhecerem um ou outro avô mas, raramente, os quatro.

O aumento da esperança de vida tende, cada vez mais, a adicionar outra geração nestas relações: os bisavós. Verifica-se, atualmente, que 20% das mulheres que morrem com 80 ou mais anos, são bisavós.

Esperamos que os avós vejam os netos crescerem e até ter filhos; por isso a relação bisavós-bisnetos começa a emergir como potencialmente importante. Este laço tem sido muito pouco estudado, principalmente, pela sua raridade que, com certeza, virá a diminuir nos próximos anos (Sousa, 2006, 41).

Nesse sentido, Vicente & Souza (2012) acrescentam que o estudo dos bisavós constitui algo a ser construído para a sociologia e psicologia da família, pois que se trata de uma realidade social desconhecida e alvo de pouca investigação.

Outro aspecto salientado pelos autores é que viver em uma família com quatro ou cinco gerações é um fenômeno social raro, pois as famílias tendem a ser entidades sociais fugazes, devido à grande probabilidade de os elementos mais idosos (bisavós) virem a falecer quando os mais novos (bisnetos) estão nos primeiros anos de vida. “Apesar de fugaz, este sistema social revela alguma ubiquidade na contemporaneidade, com uma proporção significativa de indivíduos a exercerem o papel de bisavós e bisnetos, mesmo que por curtos períodos de tempo” (Vicente & Souza, 2012).

Na perspectiva de Sousa (2006), com o aumento da esperança de vida, cada vez mais ocorre a possibilidade de adicionar outra geração nestas relações: os bisavós. “Verifica-se, atualmente, que 20% das mulheres que morrem com 80 ou mais anos são bisavós; por isso a relação bisavós-bisnetos começa a emergir como potencialmente importante a ser investigada” (Sousa, 2006, 23).

O estudo do qual este derivou investigou os significados que 120 crianças brasileiras, de 6 a 12 anos, atribuíam aos pais, mães, irmãos, avós (Rabinovich & Moreira, 2008; Rabinovich, Campos & Franco, 2012; Rabinovich & Azevedo, 2012). Os participantes foram divididos em dois grupos: o da capital, cujos pais tinham nível socioeducacional baixo e médio; e o do interior, com os mesmos níveis socioeducacionais. Utilizou-se um roteiro semiestruturado de entrevista individual com estas crianças, investigando-se a composição da família e o local da moradia com os responsáveis.

Das 120 crianças entrevistadas, recortamos 50 respostas de crianças baianas referentes aos bisavós. Isto ocorreu porque, no início da pesquisa, os pesquisadores não haviam atentado

para o fato de haver bisavós na vida das crianças, o que foi por elas revelado e, assim, na análise, não foi dada atenção a estas respostas. Assim, o objetivo da presente pesquisa é identificar o significado que os bisnetos atribuem às bisavós e aos bisavôs.

## **Método**

Trata-se de um estudo descritivo realizado a partir de entrevistas semiestruturadas e abertas, em que se buscou uma diversidade “ecológica” (Bronfenbrenner, 1979/1996; 2004), variando o local de moradia das crianças e o nível socioeducacional dos seus pais. O projeto foi submetido e aprovado por Comitê de Ética (Rabinovich & Moreira, 2008).

### ***Participantes***

Foram entrevistadas 50 crianças com idades variando entre seis e doze anos, sendo 22 do sexo masculino e 28 do feminino, residentes no Estado da Bahia, 30 na capital e 20 em cidades do interior, que foram divididas em dois grupos:

Grupo 1: quinze da capital cujos pais apresentavam nível socioeducacional alto (ensino superior completo ou mais); e 15 de nível socioeducacional baixo (de 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries do ensino fundamental);

Grupo 2: cinco do interior cujos pais apresentavam nível socioeducacional alto, e quinze do interior cujos pais tinham um nível socioeducacional baixo.

A captação das crianças ocorreu em seus contextos de vida cotidiana, tendo como critério de eleição a acessibilidade dos pesquisadores a elas. As entrevistas foram realizadas pelas autoras, na casa da criança ou em instituições educacionais. Os pais ou responsáveis consentiram em sua participação após os devidos esclarecimentos, por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam a um questionário sociodemográfico.

Este estudo procurou alguns aspectos peculiares do olhar de diferentes crianças para as suas famílias sem, contudo, pretender construir uma nosologia por diferenças intragrupais. Contudo, na presença de características emergentes próprias a certas especificidades grupais, estas foram apontadas e descritas.

### ***Instrumentos***

Como instrumentos de coleta da presente pesquisa foram utilizados: a) um roteiro sobre as concepções de família e de seus membros, respondido pelas crianças, contendo as seguintes perguntas: Você tem bisavós? Como é ser bisavó? Como é ser bisavô?; b) Um questionário sociodemográfico sobre a composição da família, local da moradia, conjunto de moradores, suas idades, sexo, escolaridade e profissão dos pais que foi respondido pelos pais ou responsáveis.

### ***Procedimentos***

As crianças foram escolhidas pelo critério de acessibilidade. Os pesquisadores foram às casas das crianças ou às instituições educacionais por elas frequentadas e convidaram seus responsáveis a autorizarem a participação delas no estudo (até atingir o limite de 15 em cada grupo). Os responsáveis responderam ao questionário sociodemográfico e, posteriormente, foram realizadas e gravadas as entrevistas com as crianças que, em seguida, foram transcritas literalmente e analisadas.

### ***Análise***

A análise, segundo o padrão de estudos qualitativos, foi realizada pelas pesquisadoras isoladamente e em conjunto, e ocorreu a partir de uma leitura horizontal feita em profundidade, procurando-se compreender as experiências pessoais e sociais dos participantes, buscando captar os significados que o fenômeno em particular tinha para cada uma das crianças e entender, assim, as diferenças entre elas. A partir disto, os resultados foram agrupados em tópicos orientados por estas diferenças subjacentes às respostas, fornecendo um quadro geral dos resultados assim analisados (Minayo, 2010). A partir destes tópicos, procuraram-se núcleos de sentido, no que foi denominado “tipologia”.

A tipologia emerge como um recurso metodológico derivado do estudo de Gomes-Pedro (2006, 24) que, a partir da natureza do vínculo, sugeriu, para os avós, quatro tipos: pouca influência, vê pouco; mimo-doadores; relação envolvente; parceiros na brincadeira.

## Resultados e Discussão

Cinquenta crianças responderam sobre os bisavós. Destas, 31% disseram não saber o que dizer (15 sobre bisavós, 16 para bisavôs), 47% não os têm (20 para bisavós, 27, bisavôs) e 22% responderam o que avaliavam ser bisavós (15 respostas para bisavó e 7 para bisavô).

Tabela 1 – Categorias das respostas de bisavós

	BISAVÓ		BISAVÔ		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não sei/não perguntado	15	30	16	32	31	31
Não tenho	20	40	27	54	47	47
Resposta	15	30	7	14	22	22
<b>Total</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Desses dados, dois aspectos aparecem como relevantes: das crianças que responderam, 30% declararam ter bisavós. Portanto, seja porque são mais presentes ou/e porque vivam mais (“não tem”: 20 bisavós para 27 bisavôs), de modo equivalente às avós e às mães, as crianças podem contar mais sobre bisavós do que a respeito de bisavôs.

De um modo geral, os bisavós são vistos, pelas crianças, sob uma perspectiva de geratividade e longevidade, qual seja, como anteriores e fundadores da família. Os bisavós fornecem a noção de temporalidade, de início e fim da vida, relacionado tanto ao seu próprio início como bisneto como à maior proximidade da morte dos bisavós:

*“– É, quando a gente nasce..., aí meu avô me leva às vezes na casa do meu bisavô.”*

Assim, os bisavós fornecem uma extensão na noção de tempo, superior à vivência de temporalidade fornecida pelos avós:



*“– Bisavó é aquela que tem o filho da sua neta; é uma coisa de amar o filho da neta.”*

Como são anteriores aos avós, teriam mais responsabilidade ainda para com a família:

*“– Se avô e avó têm que ter muita responsabilidade, bisavô e bisavó têm que ter o dobro, porque são eles que começaram mais pra trás ainda a família. Têm mais responsabilidade ainda, têm que cuidar da família toda. Ao invés de ser o avô que tem que cuidar só dos filhos e dos netos, o bisavô tem que cuidar do filho, do neto e do bisneto.”*

Pesquisadores constataram em suas pesquisas que os idosos têm importância fundamental na família, seja por meio da transmissão de valores, da conciliação e como provedores (Santos & Dias, 2008; Coutrim, 2006).

Os idosos aposentados representam um dos segmentos sociais com maior estabilidade, e cresce o número de casos em que estes se responsabilizam pela manutenção de suas famílias. Mantendo-se com boa saúde até idades mais avançadas, os pobres recorrem ao trabalho informal, que, apesar dos baixos rendimentos, também proporciona ganhos imensuráveis, como amizades, poder dentro do domicílio e certa liberdade financeira. Além disso, sua identidade predominante não é a de aposentado, mas de trabalhador, o que lhes confere o poder e o *status* de provedor, estando totalmente inseridos na vida familiar e, portanto, longe da segregação. (Coutrim, 2006, 368).

A imagem da velhice está, ainda, associada a seus aspectos negativos, como a dependência, a doença, a debilidade física e mental e à incapacidade produtiva, embora, muitas vezes, ela ofereça contribuições financeiras e/ou assistenciais para a família (Gomes, Lessa & Sá, 2006).

Contudo, os autores apontam que os idosos são agentes em potencial para a formação de redes de solidariedade em suas comunidades, principalmente, porque dispõem de tempo, maturidade e experiência existencial para se colocar em uma perspectiva crítica em relação à atitude impessoal de pragmatismo produtivista da cotidianidade mediana.

A relação das crianças com os bisavós é de ajuda, o que fazem carregando coisas para eles, apanhando-as do chão, ajudando-os a subir degraus, e elas indicam gostar de poder ajudar:

*“– É legal, porque a gente pode ajudar ele a pegar as coisas, a subir no carro, falar assim ‘olha o degrau’.”*

*“– Um bocado de coisas, carregar as coisas, pegar as coisas, fazer um tanto de coisas.”*

O verbo cuidar, no idioma português, denota atenção, cautela, desvelo, zelo. Assume, ainda, a característica de sinônimo de palavras como imaginar, meditar, empregar atenção ou prevenir-se (Boff, 2005; Gerondo, 2006; Rabinovich & Azevedo, 2012). Representa, porém, mais que um momento de atenção: é, na realidade, uma atitude de preocupação, ocupação, responsabilização e envolvimento afetivo.

O cuidado é fundamento para qualquer interpretação do ser humano, pois imprime a sua marca registrada em cada porção, em cada dimensão e em cada dobra escondida do ser humano (Boff, 2005).

O ato de cuidar e ser cuidado assume formas que variam de acordo com as particularidades de cada pessoa com a qual se relaciona, com a origem de cada indivíduo. Relacionamento e cuidado estão ligados intimamente, um não vive sem o outro, e as relações se solidificam na medida em que se é cuidado e em que se cuida dos demais (Gerondo, 2006). Os bisavós são mais cuidados pelas crianças do que cuidam delas, sendo que, em sua maioria, não os conheceram ou pouco sabem dizer deles. No entanto, já começam a aparecer nos horizontes destas crianças (Rabinovich & Moreira, 2008). Da mesma forma ocorre em Portugal: “Os avós da terceira idade passam a ser encarados como apoios ao cuidado dos netos enquanto os avós da quarta idade vão receber cuidados, se não em casa, em instituições fora da família, perdendo eventualmente o contato com ela” (Pires, 2010, 45).

Ao refletir e conceber a cultura no cuidado com o idoso cabe referenciar Geertz (1989), que defende a conceituação de cultura como “uma teia de significados” cujo método para desvendar significados é essencialmente interpretativo. Conforme ele, para interpretar o que acontece com o ser cuidado, é preciso “ler” o que está ocorrendo.

O cuidado com o idoso praticado pelas outras gerações pode ser uma oportunidade de corresponsabilização:

As gerações mais jovens convivem com os idosos cotidianamente. Nesse sentido, o cuidado intergeracional com o idoso pode ser uma experiência prazerosa, dependendo das particularidades culturais, das relações entre as pessoas, nas quais os significados atribuídos ao idoso e ao cuidado influenciam as atitudes de todas as gerações (Flores, 2008, 30).

O relacionamento intergeracional é um caminho para a preservação da cultura, para a troca de significados e a preservação de símbolos necessários à sobrevivência humana, destacando questões cruciais, tais como a pertinência do respeito à sabedoria preservada pelos idosos e a construção de seu diálogo com as novas gerações (Oliveira, Lustosa, Faria & Lopes, 2008), mas, em certo sentido, a relação com as bisavós aparece invertida, pois são elas que necessitam dos bisnetos e não o contrário e isto pode se manifestar em uma forma lúdica de relacionamento:

*“– Ela dá, faz de conta que você está doente, aí ela vai lá dar um remédio pra você, aí fica tudo bem.”*

Nesse sentido, a criança oferece a força e a fragilidade da inocência e o velho, a experiência transformada em sabedoria e burilada na memória, a capacidade de unir o começo e o fim. Se o convívio com as crianças anima a vida dos velhos como uma aragem matinal, também o relacionamento com os idosos cria perspectivas inusitadas para as crianças (Oliveira, 1999).

Para Carvalho, Moreira & Rabinovich (2010), geração foi um diferencial mais importante do que gênero na definição dos perfis de pai, mãe, irmãos, avô e avó, em sua pesquisa, ou seja, mais diferenças significativas foram encontradas entre as gerações do que entre os gêneros visto que os papéis de gênero permaneciam semelhantes. Assim, a transmissão afetiva das relações intergeracionais se inscreve no quadro das relações de gênero.

A questão das gerações está imbricada com a problemática das mudanças sociais e aparece nas reflexões sobre as formas de sociabilidade e sobre as experiências de vida de diferentes segmentos sociais. “A relação entre as ideias de geração e de mudança está,

também, presente na percepção do fosso entre as gerações, consequência do ritmo acelerado das transformações sociais e culturais” (Barros, 2006, 118).

Além do envelhecimento populacional e da feminização da velhice, algumas tendências acompanham estas mudanças. As alianças fragmentadas com períodos intermitentes de casamento, a matrifocalidade, a fluidez de arranjos domésticos e as rearrumações das relações de poder na família são algumas destas tendências (Barros, 2006).

Com relação aos avós idosos, há duas tendências no processo de formação identitária: uma, com a repetição de padrões institucionalizados e a dificuldade para mudanças; já na outra, ocorre a conservação de alguns aspectos tradicionais integrados a novos conceitos, possibilitando uma ressignificação de papéis e o processo de emancipação (Antoun, 2004).

No presente estudo, uma característica importante diz respeito a uma aparente perda da diferenciação por gênero, provavelmente devido ao fato de que os bisavós perderam as funções anteriormente a eles relacionadas. Seria como se a idade “ressignificasse” sexo e gênero:

*“– Diferente dos avôs e das avós. Ela gosta de mim, eu gosto dela. Aí, ela me dá as coisas e eu dou as coisas a ela.”*

No entanto, pode-se também observar diferenças associadas a gênero:

*“– Bisavô é ser legal, muito, conta mais histórias do que o avô, porque viveu muito mais; todo homem conta muitas histórias, só que mulher não tem esse dom de ficar velhinha e contar muitas histórias, igual ao homem.”*

Contar história de vida para os bisnetos permite aos idosos reviver algumas experiências vividas e revividas de outra forma (Sousa, 2006). Por exemplo, um avô que esteve na guerra, ao contar aos netos, provavelmente, consegue atribuir-lhe um significado menos negativo; por outro lado, as questões e observações dos netos permitem aos avós dar continuidade às experiências.

Com relação à diferença de gênero, Gomes-Pedro descreve a diferença na atuação entre homens e mulheres idosas, dizendo que as avós/bisavós com mais de 70 anos têm maior tendência para ter uma relação envolvente ou de mimadoras, “mas tanto num sexo como

noutro [...] tendem a ter uma relação mais remota a que, em geral, estão associados fatores de saúde” (Gomes-Pedro, 2006, 20-21).

Como apontado no estudo sobre os avós, diferenças culturais, principalmente quando há a influência africana associada ao segmento socioeducacional mais baixo, aparecem nos discursos das crianças:

*“– Tem de respeitar a avó, não falar coisas que não a agrade, e também respeitá-la. Só que tem de fazer as coisas que a ela agrade. Todas as coisas que a ela não agrade, ela fica de mal com a gente.”*

Nesse sentido, nas culturas africanas, hispano-americanas e asiáticas, as avós, de um modo geral, exercem um papel fundamental como agentes pessoais de educação e é patente uma relação próxima, segundo Gomes-Pedro (2006) que aponta, assim, para a matrilinearidade das relações intergeracionais em que há um agenciamento de conhecimentos mediados pela avó.

Com relação à mediação matrifocal, Silva (2009) pesquisou os avós/bisavós cuidadores dos netos/bisnetos, em João Pessoa e uma das suas indagações era: o que motivou esses corpos enrugados a assumirem o lugar de mães/pais dos netos e/ou bisnetos? Responde ele dizendo que, nessas famílias, o mito do amor materno foi substituído pelo mito da avoternagem e revela:

Os depoimentos das avós cuidadoras mostraram-me que, nas tramas geracionais, os corpos jovens desejam e gozam, os corpos enrugados cuidam, as mulheres enrugadas aparecem como as guardiãs do sentimento de domesticidade e pertença às famílias (Silva, 2009, 5032).

Para a referida autora, as avós e bisavós que assumem o cuidado de netos e bisnetos abriram mão de sua individualidade:

Os corpos enrugados femininos são corpos domésticos, que cuidam e não são cuidados, se submetem às demandas familiares em detrimento de seus projetos pessoais, são hiperresponsabilizados pela vida de três gerações. E assim começa a história dos novos filhos (netos/bisnetos) e das novas mães

(avós/bisavós) em um mundo líquido voraz por sujeitos e territórios sólidos e estáveis (Silva, 2009, 5034).

*“– O bisavô tem de sustentar para ajudar a filha, ajudar o filho.”*

Embora tenhamos mais relatos sobre bisavós do que sobre bisavôs, chega a surpreender a positividade dada aos bisavôs, principalmente no meio socioeducacional mais pobre:

*“– Gentil. Ele é muito bom pra mim. Ele me dá dinheiro. Quando eu vou lá, eu dou sempre um abraço nele.”*

Na pesquisa de Harper (2006, 20), os homens são mais propensos à prestação de cuidados com os netos/bisnetos, têm mais probabilidades de ter contatos frequentes e tendem a desenvolver relações mais estreitas. No entanto, as mulheres, são consideradas mais influentes do que os avós paternos, em termos do estreitamento de laços e de proporcionar uma sensação de segurança, não importando a idade da avó, a sua saúde e a proximidade geográfica (Rabinovich & Azevedo, 2012).

Se os avós já são descritos como velhos, os bisavós aproximam ainda mais a criança da noção de morte através da visão do envelhecimento que é percebido como um extinguir da vida, um acabar das energias vitais.

*“– Porque cada vez a pessoa vai ficando mais velha e depois chega uma hora que a pessoa morre.”*

Para Silva, Alves & Coelho (1997), a fase última do ciclo vital familiar é considerada como uma etapa que tem se estendido bastante, dada a maior longevidade humana marcada pela reestruturação de papéis, com a saída física de alguns membros do núcleo familiar, a aposentadoria de um ou de ambos os cônjuges, a perda de autonomia e a fragilidade física. O luto pela perda de amigos e parentes trará, forçosamente, à tona a velhice como a fase que se aproxima da finitude pessoal e da ideia inevitável da viuvez. Nesta fase, há um fechamento de ciclo.

Ante os bisavós, as crianças denotaram experienciar a morte:

*“– É igual à avó, mas ela não pode trabalhar porque está de idade e quando eu conheci ela, ela já tinha noventa anos.”*

Barros declara que, à medida que a pessoa envelhece, passa a ter a consciência do fim da vida:

A presença da morte já faz parte desse momento de vida: vários parentes e amigos de sua geração já morreram, bem como, evidentemente, das gerações ascendentes. Essa presença por si só traz a força da revisão da vida e também a familiaridade com a ideia de fim (1987, 94).

Algo equivalente parece ocorrer na compreensão da criança de que a vida se encaminha para um fim. Portanto, a característica mais evidente da existência de bisavós é a extensão na compreensão infantil quanto à temporalidade e à mudança de sua posição daquela que é cuidada para a de cuidadora.

### ***Tipologias de Bisavós***

Face ao exposto acima, pode-se estabelecer dois tipos de bisavós, tipos estes compreendidos como organizados em torno de dois núcleos de sentidos: mais do que os avós; no lugar dos avós.

Mais do que avós: seriam mais velhos, precisariam de mais ajuda, contariam mais histórias, estariam mais perto da morte:

*– É igual ser avó, mas só que não é tão bem assim, porque é a mesma coisa de avó, também dá carinho, atenção, brinquedos, balinha. A diferença é que é já mais de idade, né, idosa, aí começa as dores. Minha bisavó não usa óculos, ela sempre viveu numa roça.*

A dependência é encarada enquanto incapacidade do indivíduo para se bastar a si próprio necessitando da ajuda de outro(s) para alcançar um nível aceitável de satisfação das suas necessidades. A dependência que os idosos entre os 65 e os 74 anos de idade vivem é,

geralmente, uma dependência estruturada (que resulta da perda do emprego ou aposentadoria). A partir dos 74 anos de idade, a probabilidade de o idoso vir a experimentar dependência funcional é maior, uma vez que a deficiência e/ou incapacidade também aumentam, potenciando a necessidade de auxílio de terceiros na execução de determinadas tarefas (Sousa, 2006; Pires, 2010).

*No lugar dos avós:* embora este tipo seja pouco representado, pode-se perceber a sua existência.

– *Diferente de minha avó* (O rosto dela muda para uma expressão de alegria e alívio. Obs.: a avó está no lugar da mãe e usa de punição física como método educacional em uma estrutura familiar tipo matriarcado):

“– *Diferente dos avôs e das avós. Meu bisavô me dá as coisas e eu dou a ele. Ele me dá: roupa, bermuda, blusa. Ele pega e compra as coisas pra mim, sapato, roupa, sutiã.*”

Nesse sentido, Vitale (2008, 101) corrobora na discussão, ao esclarecer que “nas famílias mais empobrecidas, há hoje uma elevada proporção de mulheres mais velhas que, sem terem tido melhores possibilidades educacionais, trabalham recebendo, conseqüentemente menor renda”. Essas são, entretanto, chefes de família, provedoras de um grupo familiar que, com frequência, tem poucas pessoas trabalhando.

Camarano (1999) aponta que, as mulheres envelhecidas, na atualidade, além de suporte familiar, assumem também papéis não esperados, fato que lhes possibilita, no contexto de uma sociedade contemporânea (forjada pelas desigualdades sociais e/ou pela trajetória das reformulações do próprio lugar da mulher na sociedade), tornarem-se importantes agentes de mudança social.

Nenhuma criança entrevistada citou os bisavós habitando com elas. Camarano e El Ghaouri (2003)<sup>1</sup>, citados por Santos & Dias (2008), estabeleceram uma distinção entre as famílias de idosos, em que o idoso é chefe ou cônjuge, e as famílias com idosos em que o idoso mora na condição de parente do chefe. Para as referidas autoras, as primeiras se caracterizam por serem formadas por idosos mais jovens e seus filhos, serem mais frequentes (86% dos lares onde residem idosos são chefiadas pelos idosos), possuindo residência própria

<sup>1</sup> Camarano, A.A., & El Ghaouri, S.K. (2003). Famílias com idosos: ninhos vazios? *Texto para discussão*, 950, 1-20.



e uma renda mais elevada do que as segundas. Portanto, há idosos que cuidam e os que são cuidados.

Com relação à tipologia de Gomes-Pedro (2006) proposta para avós, podemos considerar a presença de três delas:

pouca influência, vê pouco: corresponderia às respostas “não sei” e outras em que a criança menciona expressamente: *vejo pouco*.

mimo-doadores: embora presentes, estas respostas se diferenciam quanto à natureza do vínculo, pois os bisavós parecem ser considerados mais “frágeis” do que os avós.

relação envolvente, morar na mesma casa, cuidados mais permanentes: as crianças não mencionaram este tipo de contato.

parceiro de brincadeira: equivalente ao mimo, está presente, mas a natureza do vínculo difere.

Portanto, pode ser aventada a hipótese de que o que difere, da relação dos avós e dos bisavós com seus descendentes é a qualidade do vínculo em que os bisavós tornam-se mais frágeis e mais dependentes conforme vivenciado pelas crianças. Outra diferença estaria em que os bisavós não parecem conviver com os bisnetos, nem com eles coabitar, o que incidiria em um relacionamento esporádico, enquanto os avós podem ter outros cuidados como o sistemático, o residente, o integral.

## **Considerações Finais**

Este estudo constatou que, de um modo geral, os legados geracionais transmitidos pelas bisavós fazem parte da memória familiar e contribuem para a vida cotidiana da família. Os bisavós foram vistos, pelas crianças, sob a perspectiva da geratividade e longevidade, qual seja, como anteriores e fundadores da família, como aqueles que fornecem a noção de temporalidade, de início e fim da vida, relacionado tanto ao seu próprio início como bisneto como à maior proximidade da morte dos bisavós. Se os avós já são descritos como velhos, os bisavós aproximam ainda mais a criança da noção de morte através da visão do envelhecimento, que é percebido como um extinguir da vida, um acabar das energias vitais. Portanto, a característica mais evidente da existência de bisavós é a extensão na compreensão

infantil quanto à temporalidade e à mudança de sua posição de quem é cuidada para quem é cuidadora.

Uma característica importante se refere a uma aparente perda da diferenciação por gênero, provavelmente devido ao fato de que os bisavós perdem as funções relacionadas anteriormente a este. Seria como se a idade “ressignificasse” sexo e gênero. Em certo sentido, a relação com os bisavós aparece invertida, pois são eles que necessitam da ajuda dos bisnetos, e não o contrário e isto pode se manifestar em uma forma lúdica de relacionamento. No entanto, podem-se observar também diferenças associadas a gênero.

Embora tenhamos mais relatos sobre bisavós do que sobre bisavôs, chega a surpreender a positividade dada aos bisavôs, principalmente no meio social baixo.

Face ao exposto acima, pode-se pensar em dois tipos de bisavós compreendidos como organizados em torno de núcleos de sentidos: “mais do que os avós” e “no lugar dos avós”. “Mais do que avós”: seriam mais velhos, precisariam de mais ajuda, contariam mais histórias, estariam mais perto da morte. “No lugar dos avós”: embora este tipo seja muito pouco representado, pode-se perceber a sua existência, como provedor ou cuidador.

A principal conclusão deste estudo, no entanto, se refere à urgência de realização de mais estudos sobre a quarta geração e mesmo a quinta, em relação à vida das crianças.

Um aspecto que não foi explorado pelo estudo e que emergiu como uma questão a ser respondida é: onde e com quem vivem os bisavós. O próprio estudo explorou insuficientemente este aspecto, inclusive por ser realizado a partir dos bisnetos, havendo tanto a possibilidade de bisavós provedoras quanto a de serem totalmente dependentes.

Outras questões a serem melhor exploradas se referem a: como mudam as relações de cuidado e de brincadeiras dentro de um quadro de envelhecimento na relação criança/ adulto.

## Referências

Antoun, M. (2004). *Avós idosos e formação de identidade*. Dissertação de mestrado em Psicologia. São Paulo (SP), Brasil: Universidade São Marcos. (105p.).

Barros, M. (1987). *Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. São Paulo (SP): Jorge Zahar.

Barros, M. (2006). Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 52,109-132. Recuperado em 14 setembro, 2013, de: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n52/n52a06.pdf>.

- Boff, L. (2005). O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. *Inclusão Social*, 1(1), 28-35. Recuperado em 08 outubro, 2011, de: <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/6/12>.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. M.A.V. Veronese, Trad. Porto Alegre (RS): Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- Bronfenbrenner, U. (2004). *Making Human Beings: Human Bioecological Perspectives on Human Development*. California (EUA): Sage.
- Camarano, A.A. (Org.). (1999). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro (RJ): IPEA.
- Carvalho, A.M.A., Moreira, L.V. & Rabinovich, E.P.. (2010). Olhares de crianças sobre a família: um enfoque quantitativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 417-426. Recuperado em 14 setembro, 2013, de: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n3/a04v26n3.pdf>.
- Coutrim, R.M. (2006). Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. *Sociedade e Estado*, 21(2), 367-390. Recuperado em 14 setembro, 2013, de: <http://www.scielo.br/pdf/se/v21n2/a04v21n2.pdf>.
- Dias, C. & Silva, D. (1999). Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro (RJ): Nau.
- Flores, G.C. (2008). *Eu cuido dela e ela me cuida: um estudo qualitativo sobre o cuidado intergeracional com o idoso*. Dissertação de mestrado em Enfermagem. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria. Recuperado em 13 setembro, 2013, de: [http://coral.ufsm.br/ppgenf/Gisela\\_Cataldi\\_Flores\\_Dissertacao\\_de\\_Mestrado.pdf](http://coral.ufsm.br/ppgenf/Gisela_Cataldi_Flores_Dissertacao_de_Mestrado.pdf).
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro (RJ): LTC. Recuperado em 13 setembro, 2013, de: [http://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/geertz\\_clifford\\_-\\_a\\_interpretac3a7c3a3o\\_das\\_culturas.pdf](http://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/geertz_clifford_-_a_interpretac3a7c3a3o_das_culturas.pdf).
- Gerondo, V. (2006). *As avós cuidadoras de netos hospitalizados*. Dissertação de mestrado em Enfermagem). Setor de Ciências da Saúde. Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná. Recuperado em 14 setembro, 2013, de: <http://www.ppgenf.ufpr.br/Disserta%C3%A7%C3%A3oVanessaGerondo.PDF>.
- Gomes, M., Lessa, J. & Sá, R. (2006). O papel do idoso nas dinâmicas sociais de realização do ser-no-mundo-com-o outro. Porto (Portugal): *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, 1(1), 07-12. Universidade Sénior Contemporânea. Recuperado em 14 setembro, 2013, de: <http://rtgerontologia.webnode.pt/edicoesrtg/>.
- Gomes-Pedro, J. (2006). O papel dos avós no século XXI. *Revista Povos e Culturas – Os avós como educadores*, 10, 11-24. Lisboa (Portugal): Universidade Católica Portuguesa. Recuperado em 08 setembro, 2013, de: [http://www.ucp.pt/site/resources/documents/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURAS\\_10.pdf](http://www.ucp.pt/site/resources/documents/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURAS_10.pdf)

- Harper, S. (2006). Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. *Revista Povos e Culturas – Os avós como educadores*, 10, 25-38. Lisboa (Portugal): Universidade Católica Portuguesa. Recuperado em 08 setembro, 2013, de: [http://www.ucp.pt/site/resources/documents/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURAS\\_10.pdf](http://www.ucp.pt/site/resources/documents/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURAS_10.pdf)
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010). *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil, 2000*. Série Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n.º 9, Rio de Janeiro (RJ): Autor. Recuperado em 14 setembro, 2013, de: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/perfidosos2000.pdf>.
- Martins, A. (2007). Envelhecimento, sociedade e cidadania. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, 1(1), 77-78. Porto (Portugal): Universidade Sénior Contemporânea, Recuperado em 14 setembro, 2013, de: <http://rtgerontologia.webnode.pt/edicoesrtg/>.
- Minayo, M.C. (Org.). (2010). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (29ª ed.). Petrópolis (RJ): Vozes.
- Motta, A.B.da. (2004). Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: Peixoto, C.E. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro (RJ): FGV.
- Oliveira, P.S. (1999). *Vidas compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo (SP): Hucitec/Fapesp.
- Oliveira, A.L., Lustosa, H., Faria, M.I. & Lopes, R. (2008). Avós e netos: espaço de encontro de gerações? *Revista Kairós*, 11(1), 237-274. Anais: X Semana de Gerontologia, São Paulo (SP).
- Pires, M.de F. (2010). Presença e papel dos avós: estudo de caso. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação. Aveiro (Portugal): Departamento de Educação, Universidade de Aveiro. Recuperado em 09 setembro 2013, de: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/3601/1/4537.pdf>.
- Rabinovich, E.P. & Azevedo, T. (2012). Participação das avós no cuidado cotidiano dos netos pequenos. In: Castro, M., Carvalho, A.M.A., Moreira, L.V.de C. (Org.). *Dinâmica familiar do cuidado. Afetos imaginários e envolvimento dos pais na atenção aos filhos*, 205-238. Salvador (BA): EDUBFA.
- Rabinovich, E.P. & Moreira, L.V.de C. (2008). Significados de família para crianças paulistas. *Psicol. estud.*, 13(3), 447-455. Recuperado em 11 maio, 2013, de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n3/v13n3a05.pdf>.
- Rabinovich, E., Campos, L. & Franco, A. (2012). Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 139-149. Recuperado em 11 maio, 2013, de: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/16.pdf>.
- Santos, I.E.dos, Dias, C.M.de S.B. (2008). Homem idoso: vivência de papéis desempenhados ao longo do ciclo vital da família. *Aletheia*, 27(1), 98-110. Recuperado em 11 maio, 2013, de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n27/n27a08.pdf>.
- Silva, J., Alves, L. & Coelho, M.R. (1997). A família em fase última. In: Cervený, C. & Berthoud, C. (Org.). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*, 123-132. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo.
- Silva, K. (2009). *Narrativas memorialistas de mulheres idosas: novas identidades maternas e o mito da avoternagem*. Maringá (PR): Congresso Internacional de História. Recuperado em 15 setembro, 2013, de: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/523.pdf>.

Sousa, L. (2006). Avós e netos: uma relação afectiva, uma relação de afectos. *Revista Povos e Culturas. Os avós como educadores*, 10, 39-50. Lisboa (Portugal): Universidade Católica Portuguesa. Recuperado em 08 setembro, 2013, de:

[http://www.ucp.pt/site/resources/documents/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURAS\\_10.pdf](http://www.ucp.pt/site/resources/documents/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURAS_10.pdf)

Superintendência de Estudos Econômicos (SEI). *Projeções demográficas apontam mudança de estrutura da população baiana até 2030*. 6 set. 2013. Recuperado em 09 setembro, 2013, de: <http://www.novoeste.com/pages/destaque/pdf.php?id=4697>.

Vicente, H. & Souza, L. (2012). Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(1), 99-117.

Vitale, M.A. (2008). Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: Acosta, A. & Vitale, M.A. (Orgs.). *Família: redes, laços e políticas públicas*, 93-105. (4ª ed.). São Paulo (SP): Cortez.

Recebido em 02/02/2014

Aceito em 28/03/2014

---

**Elaine Pedreira Rabinovich** - Psicóloga clínica. Mestrado e Doutorado pelo IPUSP; Pós-doutorado IPUSP e FFCL-USP/RP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal; Coordenadora do Grupo de Pesquisa Família, (auto)biografia e poética/UCSal.

E-mail: [elainepr@brasmil.com.br](mailto:elainepr@brasmil.com.br)

**Rosa Maria da Motta Azambuja** - Pedagoga. Mestre e doutoranda em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal).

E-mail: [psicoazambuja@hotmail.com](mailto:psicoazambuja@hotmail.com)

**Lúcia Vaz de Campos Moreira** - Psicóloga. Mestrado em Educação (UFBA). Doutorado em Psicologia (USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal.

E-mail: [luciavcm@oi.com.br](mailto:luciavcm@oi.com.br)